

A TEMÁTICA AMBIENTAL E SEU POTENCIAL EDUCATIVO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE MAURICIO DE SOUZA

THE ENVIRONMENTAL THEMATIC AND ITS EDUCATIONAL POTENTIAL ON THE MAURICIO DE SOUZA'S COMIC STRIPS

Lívia Lüdke Lisbôa ¹

Heloisa Junqueira ², José Cláudio Del Pino ³

¹UFRGS, PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde,
liviallisboa@yahoo.com.br

²UFRGS, Faculdade de Educação, Departamento de Ensino e Currículo, heloisa.junqueira@ufrgs.br

³UFRGS, PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Área de Educação Química-Instituto de Química,
aeq@iq.ufrgs.br

ABSTRACT

Comic strips (CSs), understood as a mass communication vehicle with high power of reach, can be defined as a cultural artifact that carries a diversity of concepts and ideas regarding its thematic. As well as scientific journals, internet sites, and others artifacts, CSs have been considered a source of study and research.

In the present study, we attempted to analyze the contents related to the environmental thematic that are part of the plot of Mauricio de Souza's publishing company's comic strips, and its importance as a diffuser of opinions, knowledge, representations and concepts on the field of environmental science. For this purpose, are identified, presented and analyzed the main strategies of language (images, words and signs) used in a space, that can promote or not a sensitization of the reader about social-environmental thematic, revealed through the opinion that the characters bring from the environment or from the nature.

Keywords: Comic strips, social-environmental thematic, sensitization, nature.

RESUMO

As histórias em quadrinhos (HQs), entendidas como um veículo de comunicação de massa com grande poder de alcance, podem ser definidas como um artefato cultural que carrega consigo uma diversidade de conceitos e idéias acerca de suas temáticas. Assim como as revistas de difusão científica, sítios da Internet, entre outros artefatos, as HQs têm sido consideradas como fonte de estudo e pesquisa.

No presente estudo, buscou-se analisar os conteúdos relacionados à temática ambiental que fazem parte do enredo das histórias em quadrinhos de Mauricio de Souza Editora, e sua importância como difusores de concepções, saberes e conceitos do campo das ciências ambientais. Para tanto, são identificadas, apresentadas e analisadas as principais estratégias de linguagem (imagens, palavras e signos) utilizadas nesse espaço, que podem ou não promover uma sensibilização ou conscientização do leitor sobre temáticas sócio-ambientais, reveladas através das concepções que os personagens trazem de meio ambiente ou natureza.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos, temáticas sócio-ambientais, sensibilização, natureza.

1. Introdução – Contextualizando a Pesquisa

Uma grande parcela da população busca estar informada sobre os diversos acontecimentos da atualidade, especificamente aqueles que expressam e revelam os sérios danos ambientais já produzidos no planeta. Mudanças climáticas, diminuição da camada de ozônio, impacto sócio-ambiental dos processos de desenvolvimento tecnológico, ameaças de extinção de espécies, produção excessiva de lixo, ocupações territoriais desenfreadas e desertificação, são

exemplos contundentes de problemas ambientais vividos na atualidade. A estes fenômenos pode-se, ainda, agregar a crise sócio-político-ambiental das sociedades atuais, que produz e mantém uma já comprovada situação de insustentabilidade da vida no planeta.

Atualmente, os assuntos relacionados à temática ambiental encontram-se em relevância, sendo noticiados e levados em conta por diversos meios de comunicação. Revistas, jornais, noticiários e uma série de programas televisivos vêm abordando tais questões e trazendo para seu público alvo diversos conceitos e idéias acerca do tema. Cada vez mais, torna-se inegável a necessidade de ampliar o debate, informar, socializar e viabilizar o repasse de informações e conhecimentos científicos e tecnológicos diretamente envolvidos com a temática ambiental. Neste sentido e deste contexto, justifica-se o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa com e sobre os conteúdos impressos em histórias em quadrinhos, na medida em que sua abrangência e possibilidade de acesso, por parte das pessoas localizadas em diferentes classes sociais, podem ser maiores se comparadas com outros artefatos culturais como o livro didático, as revistas especializadas no assunto e o conhecimento formal acerca das problemáticas ambientais.

Deve-se levar em consideração que as HQs são um material de fácil compreensão, não sendo necessário que a pessoa que a tenha em mãos saiba ler o código da língua escrita, possibilitando um outro tipo de leitura, desde crianças pequenas a adultos não escolarizados. Isto porque as HQs são compostas não apenas pela linguagem literária, mas também pela linguagem gráfica, visual. Com isto e além disto, as histórias em quadrinhos promovem um tempo e um espaço para o ensino e a aprendizagem das pessoas com ou sem acesso à escola. E, se a temática sócio-ambiental for o foco dos conteúdos presentes nas HQs, a contribuição das mesmas pode representar a alteração de condutas, atitudes e pensamentos frente à preservação dos ambientes, das culturas, da vida no planeta. Logo, investigar quais são os conteúdos impressos nas HQs, e como são veiculados, pode contribuir nos processos educativos formais ou informais de crianças, jovens e adultos.

HQs que tratem de questões ambientais são um material a ser incluso no trabalho de conscientização da população, divulgação do conhecimento e difusão de informações. São muitos os exemplos que denotam a possibilidade de trabalho com tais artefatos, quando se trata de alcance e educação da população em geral:

- 1) Se apropriadas pelo mundo escolar, podem ser transformadas em material didático-pedagógico a ser incluído nas atividades de sala de aula, criando oportunidades dos alunos estabelecerem relações com os conteúdos das diferentes áreas ou disciplinas escolares, pois é um tipo de leitura que agrada principalmente ao público infante-juvenil. Segundo Giesta (2002), a importância das histórias em quadrinhos como veículo de comunicação é um dos motivos que atesta um grande valor à investigação sobre seus conteúdos impressos, principalmente quando explorado com sensibilidade e competência pelos professores nos diferentes níveis de escolarização, e até fora dos muros escolares;
- 2) HQs se constituem em um material dinâmico, que podem tratar a cada nova edição de temas diferentes, que requerem debate e que precisam chegar ao conhecimento de todos. São diferentes dos livros didáticos, que trazem geralmente o mesmo conteúdo estático por vários anos, sendo restritos os espaços dedicados a novas temáticas;
- 3) Como mencionado anteriormente, as HQs possuem um poder de alcance muito amplo, visto que têm uma comunicação direta e de fácil compreensão, tendo grande potencial expressivo e uma linguagem visual;
- 4) São mais especificamente voltadas ao público infante-juvenil, sendo essa a etapa do desenvolvimento social e cognitivo, em que a pessoa assimila a maior parte dos conceitos que levará para o resto da vida;
- 5) Diferentemente de folders e cartilhas voltados à tentativa de sensibilização da população para as problemáticas ambientais, as HQs podem tratar desses assuntos em momentos

não específicos, diferentemente daqueles, que são geralmente distribuídos (e muitas vezes nem lidos) em momentos e eventos episódicos.

Entendendo então as HQs como literatura infanto-juvenil, e como um veículo de comunicação elaborado pela imprensa escrita (no caso as revistas de Mauricio de Souza, publicadas pela Editora Globo), deve-se levar em conta a afirmação de John (1996) quando diz que o papel desempenhado pela imprensa escrita na educação ambiental, no Brasil, é excessivamente variado e que por vezes um tema simples como a reciclagem do lixo pode ser tratado de maneiras diferentes, educando e conscientizando o leitor, ou mesmo trazendo conceitos errados que acabam por confundir o público.

A literatura infanto-juvenil pode ser compreendida como um tipo de experiência humana que informa, ajuda na formulação de teorias e hipóteses, e dá as bases para a formação da concepção de mundo que o jovem leitor trará para consigo no decorrer de sua vida. Segundo Coelho (1996, p.59):

Partindo do atual conceito de Literatura, como palavra nomeadora do real e como expressão essencial do ser humano em suas relações com o outro e com o mundo (ou com a natureza em geral), conclui-se que a Literatura destinada às crianças e aos jovens é um dos instrumentos de maior alcance para a urgente conscientização ecológica desse grupo básico nas sociedades. Ou melhor, a Literatura Infanto-Juvenil é um dos caminhos mais fáceis para a conscientização dos imaturos acerca dos problemas que a Educação Ambiental vem colocando para a sociedade e que estão longe de poderem ser resolvidos.

Considerando, então, as HQs como literatura, enfatiza-se a sua importância e potencialidade no que diz respeito ao processo de aprendizagem, visto que são também significativas fontes de divulgação de conhecimento e saberes, tanto nas salas de aula como fora delas.

Foram escolhidas as HQs de Mauricio de Souza para realização do presente trabalho, pelo fato de serem concebidas e produzidas no Brasil, por seus personagens serem bastante característicos e representativos de ‘tipos de brasileiros’ e por ser uma das revistas em quadrinhos de maior tiragem e interesse por parte do público leitor infanto-juvenil no país.

2. Educação Ambiental e sua Trajetória

A educação ambiental (EA) é definida por estudiosos e educadores ambientais (Tristão 2002; Sato, 1997; Carvalho, 2002) segundo diversos conceitos, sendo que os mesmos possuem algumas similaridades: trata-se de uma educação transversal que sensibilize o indivíduo para os atuais problemas ambientais e que faça com que o mesmo se preocupe em encontrar maneiras de trabalhar individual e coletivamente em busca da prevenção de problemas ambientais futuros, deixando assim para as gerações vindouras um meio ambiente equilibrado, saudável e sustentável como legado.

Kraemer (2004, p.3) afirma que:

O impacto da espécie humana sobre o meio ambiente tem sido comparado, por alguns cientistas, às grandes catástrofes do passado geológico da Terra. A humanidade deve reconhecer que agredir o meio ambiente põe em perigo a sobrevivência de sua própria espécie e pensar que o que está em jogo não é uma causa nacional ou regional, mas sim a existência da humanidade como um todo.

Segundo a autora, é a vida que está em jogo e não se pode conceber um ecossistema sem o ser humano, e nem encontrar o ser humano fora de algum ecossistema. Berna (2001) sugere que a degradação do meio ambiente pelo ser humano, não é apenas resultado de sua relação exploratória e desenfreada com a natureza, mas é resultante da sua relação consigo próprio. Segundo o mesmo autor “ao desmatar, queimar, poluir, utilizar ou desperdiçar recursos naturais ou energéticos, cada ser humano está reproduzindo o que aprendeu ao longo da história e cultura de seu povo” (Berna, 2001, p.162).

Layrargues (2001) sugere que o *Homo sapiens sapiens*, denominação científica da espécie humana, apareceu no planeta Terra há cerca de 50 mil anos atrás. Levando-se em conta que o planeta Terra existe há aproximadamente seis bilhões de anos, define-se que a presença do ser humano na Terra corresponde a ínfimos 0,001% da sua idade. O mesmo autor coloca, então, o quanto o ser humano já foi capaz de destruir neste pouco tempo em que habitou e habita os ecossistemas terrestres, causando sérios desequilíbrios na natureza. Salienta, ainda, que a expectativa de vida do planeta é cerca de mais cinco bilhões de anos, quando então o Sol se apagará. Logo, se o ser humano ainda tem 99% de sua expectativa de vida pela frente, o que será capaz de causar na Terra?

Com certeza, essa não é uma pergunta de fácil resposta. A complexidade contida nas origens dos diferentes efeitos daninhos ao meio ambiente já conhecidos exige estudos, pesquisas, informação e educação sócio-ambiental. Layrargues (2001) sugere que a crise ambiental que eclodiu na segunda metade do século XX fez com que o “otimismo humanista do progresso e a confiança absoluta na tecnologia fossem subitamente substituídos pelo pessimismo dos riscos e pela desconfiança das oportunidades que a crise ambiental proporciona” (Layrargues, 2001, p. XIII).

A preocupação com a degradação do meio ambiente começa a ser evidenciada no mundo em meados das décadas de 60 e 70, quando as primeiras respostas da natureza frente à exploração desenfreada do modelo econômico vigente na época, de otimização, crescimento e progresso da produção a qualquer custo, sem levar em conta o possível esgotamento dos recursos naturais, tornam-se perceptíveis e visíveis. No âmbito educativo, o indivíduo era formado sob um modelo tecnicista de ensino escolar e universitário, objetivando a eficiência e a produção no trabalho, sem que fosse necessário refletir sobre as conseqüências da maneira de pensar e agir política e economicamente.

Os olhares mundiais começam então a se voltar para a criação de políticas ambientais, para a mudança dos valores vigentes até então, do ser humano como cerne do mundo e com direitos e deveres sobre a natureza, de utilização, manipulação e exploração da mesma. Os efeitos desastrosos desta concepção utilitarista da natureza geraram movimentos sociais em diferentes partes do mundo, oriundos da grande insatisfação das pessoas como um todo, fazendo aparecer nos cenários nacional e internacional alguns expoentes, como: as revoluções feministas, o movimento ambientalista e as revoltas e protestos de estudantes contra o autoritarismo político vigente até então. Neste sentido, ações educativas fazem-se necessárias e urgentes como afirmou Grun (2003, p.1), “a Educação Ambiental surge no Brasil e no mundo Ocidental de modo geral a partir da constatação de que a educação deveria ser capaz de reorientar as premissas do agir humano em sua relação com o meio ambiente”.

Nesse âmbito, a EA aparece como uma educação transversal que sensibilize o indivíduo para os atuais problemas ambientais e que faça com que o mesmo se preocupe em encontrar maneiras de trabalhar individual e coletivamente em busca da prevenção de problemas ambientais futuros. O campo da EA é marcado mundialmente por diversos acontecimentos históricos importantes, entre eles a Conferência de Estocolmo em 1972, a Conferência de Belgrado em 1975, a Conferência de Tbilisi em 1977, a Conferência de Moscou em 1987, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992 (RIO-92), entre outros.

No Brasil nas décadas de 70 e 80, a EA era debatida em sala de aula através de temas relacionados com princípios e noções de ecologia, com pouco aprofundamento teórico. É no ano de 1988 que ela toma formas mais consistentes no país, quando é citada na Constituição Federal. Em 1994 é criado o Programa Nacional de Educação Ambiental, que tem como objetivo promover a articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria sócio-ambiental, trazendo em uma de suas sete linhas de ação a necessidade de parcerias entre os meios de comunicação para que tratem da temática ambiental. Em 1996 o Ministério da Educação define e

divulga os Parâmetros Curriculares Nacionais que trazem o tema meio ambiente como um tema transversal, incluído e perpassando as várias áreas ou disciplinas escolares. Finalmente em 1999 é instituída a Política Nacional de Educação Ambiental, que em seu artigo 3º discorre o seguinte:

Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo: I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente [...]IV - aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação.

3. Veículos de Comunicação de Massa & as Questões Ambientais

Segundo Caraveo (2001), uma das principais modalidades, que levou à consolidação do campo da EA através de suas propostas teórico-conceituais, é a comunicação ambiental. Esse conceito se refere aos “projetos de EA que têm propósitos de cobertura extensiva – a uma comunidade dispersa ou a uma parte da população – que se baseiam na utilização de meios escritos, áudio visuais ou eletrônicos” (Caraveo, 2001 p.X).

Como um dos meios escritos, a literatura pode ser pensada como uma experiência humana, de interpretação e assimilação de informações do mundo em que vivemos. Coelho (1996, p.60) diz que ela atua “nas emoções, nos sentimentos, ou melhor, no espaço interior do indivíduo e, evidentemente, atua na formação da sua consciência de mundo, (a que é visada pela educação ambiental)”. Essa mesma autora ainda enfatiza a necessidade de incluir o ludismo nesses processos de formação, para que as aprendizagens sejam significativas e incorporadas:

A pedagogia moderna já provou abundantemente que é por meio do ludismo, da imaginação, do jogo ou do prazer de interagir com algo que as crianças (ou os intelectualmente imaturos em geral) assimilam o conhecimento de mundo que lhes é indispensável para construir seu espaço interior afetivo e racionalmente interajam com o meio em que lhes cumpre viver (Coelho, 1996, p.60).

Amaral (1997, p.26) afirma que “no cerne do debate pós-moderno encontra-se o final de separações importantes, o apagamento de algumas fronteiras antigas principalmente entre a “alta” cultura e a chamada cultura popular ou cultura de massa”, sugerindo a necessidade de se tentar produzir novas metodologias e novos referenciais teóricos que possibilitem analisar a produção, a estrutura e a troca do conhecimento frente à diversificação dos lugares de aprendizagem. A mesma autora trata da variedade de instâncias culturais que podem vir a produzir significados tendo a natureza como referência, e afirma que:

Além dos tradicionais livros didáticos, podem ser reconhecidos como instâncias legítimas, os livros infantis, os desenhos animados, **as histórias em quadrinhos**, filmes de ficção, programas infantis, documentários, anúncios publicitários, novelas, obras de arte, fotografia etc” [grifo nosso] (Amaral, 1997, p.25).

Giesta (2002, p.165) sugere que por meio de HQs “são veiculadas informações pertinentes e que podem contribuir para a conscientização das pessoas”, em se tratando de histórias que abordem problemáticas ambientais. Tal conscientização, segundo Zitzke (2002) constitui-se no objetivo primeiro da EA, que visa ampliar o nível de consciência dos indivíduos e grupos sociais organizados, de modo que possam perceber os problemas sócio-ambientais e entender as relações delicadas entre a sociedade e a natureza.

Neste contexto, pode-se entender os meios de comunicação de massa (e entre eles as HQs) como formadores de opinião e estimuladores de mudanças nas atitudes e condutas, sendo que a mídia cumpre, intencionalmente ou não, um papel fundamental na construção dos valores sociais e individuais.

4. Mauricio de Souza, Turma da Mônica e Educação Ambiental

Mauricio de Souza nasceu em outubro de 1935 no estado de São Paulo. No referido estado passou cinco anos como repórter policial do jornal Folha da Manhã, e foi em 1959 que criou uma série de tiras em quadrinhos com um cão (Bidu) e ofereceu o material para os redatores da Folha. Nos anos seguintes, Mauricio criaria outras tiras de jornal como Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, e páginas tipo tablóide para publicação semanal - Horácio, Raposo, Astronauta - que invadiram dezenas de publicações durante 10 anos. Na década de 70, Mauricio inicia a publicação de revistas em quadrinhos de banca, quando Mônica foi lançada já com tiragem de 200 mil exemplares e seguida, dois anos depois, pela revista Cebolinha e nos anos seguintes pelas publicações do Chico Bento, Cascão, Magali, Pelezinho e outras. Segundo Natal (2005):

As narrativas dos personagens de Maurício de Souza são fortemente galgadas no politicamente correto. Assim, **seus personagens estão constantemente se esforçando para preservar a natureza, lutando contra aqueles que prejudicam a fauna e a flora, além de poluidores da natureza e pessoas "más" de uma forma geral, no sentido dicotômico-maniqueísta.** Não há vilões fixos nas histórias, com raríssimas exceções de personagens que muito pouco aparecem, como o Capitão Feio, um poluidor superpoderoso. Mas mesmo estes não são realmente "malignos". Suas atitudes são moderadas e leves. Ao invés, os "conflitos" das histórias são mais centrados entre os próprios personagens e seus comportamentos básicos, uma vez que não há, aqui, espaço para características de personalidades mais aprofundadas" [grifo do autor].

Em entrevista cedida à Revista da Rede Aguapé – Educação Ambiental para o Pantanal - no ano de 2003, Mauricio de Souza, quando questionado se considera que a Educação Ambiental deve ser transversal afirma que para gerar conscientização sobre os cuidados para com o meio ambiente existem duas forças principais: as crianças e os meios de comunicação; “se juntarmos as crianças que vão crescer e virar cidadãos conscientes e os meios de comunicação, talvez possamos cuidar melhor do meio ambiente”.

5. Procedimentos da/para Pesquisa

O processo de busca das histórias que fazem parte da presente pesquisa se deu através de procura em lojas especializadas, do tipo “sebos”, nas quais é relativamente simples encontrar exemplares antigos dos mais variados tipos de histórias em quadrinhos. Depois de selecionado um universo amostral considerável, cada revista foi minuciosamente lida e as histórias relacionadas com temáticas ambientais previamente analisadas. Optou-se então pela história cujo tema tinha maior enfoque na exposição de tais temáticas.

Do universo de revistas adquiridas, foram escolhidas quatro para fazerem parte do presente trabalho, compreendendo quatro anos de publicação, do ano de 1996 até 2000, excetuando-se 1998, sendo uma história selecionada para cada revista escolhida. A escolha de uma história em detrimento de outras do mesmo ano de publicação, ou mesmo de outras dentro de uma mesma revista, deu-se pelo fato daquelas que foram escolhidas abordarem mais clara e diretamente de assuntos em pauta na atualidade, em se tratando de temáticas ambientais, como por exemplo, a poluição dos corpos hídricos, o homem vendo-se como um ser à parte da natureza, o antropocentrismo, desmatamentos, queimadas, extinções, entre outros.

Para realização da análise do material coletado, o método qualitativo foi utilizado, visto que segundo Minayo & Sanches (1993) o mesmo produz um aprofundamento na complexidade dos fatos, fenômenos e processos específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente. Além do seu alcance no que diz respeito a valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Os autores sugerem ainda a importância do método qualitativo de análise por sua capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, sendo especialmente importante para descobrir novos nexos e explicar significados.

6. Quatro Histórias em Quadrinhos de Maurício de Souza: A Leitura sob um outro Prisma

História I – Publicada em agosto de 1996 na revista numero 250, página 28. Título da história: *Chico Bento em: Leite Fresquinho*

Nessa história fica explícito o desconhecimento do primo de Chico Bento, vindo da cidade grande, de que o leite que ele toma em seu cotidiano vem de uma vaca, assim como um bezerro mama e se alimenta do leite de tal mamífero (Figura 1). Em princípio, quando descobre tal fato, fica enojado e sente asco de se imaginar tomando aquele leite. Para ele é muito estranho que o leite que seu primo toma na fazenda não venha de uma venda, ou supermercado, embalado em um saquinho.

Essa história mostra o distanciamento da pessoa que vive em uma cidade daquilo que acontece no campo. Mostra a separação que existe entre esses dois lugares, como se o homem e uma vaca leiteira não tivessem nenhuma relação como seres vivos, não fazendo parte da mesma natureza. O autor em momento algum da história tenta aproximar estes dois diferentes locais, mostrando que existe uma interligação entre todos os seres vivos e ambientes em qualquer lugar do planeta.

Outra questão interessante que é tratada nesta história é de onde vem o quê é consumido, o que geralmente não é trabalhado com as crianças, talvez até por carregar uma suposta obviedade. Porém, se levarmos em conta que uma criança de grandes metrópoles passa a maior parte de sua vida circulando entre prédios, apartamentos, estradas, supermercados e sem ter um maior contato com outros seres da natureza que não os humanos ou animais domesticados, fica fácil entender o seu desconhecimento acerca do tema. Em tal história não fica claro que o leite que se consome nas cidades grandes também vem das vacas, porém com grandes processos de industrialização.



Figura 1: A descoberta de que o leite que os bezerros tomam vem de uma vaca, deixa bastante perplexo o primo de Chico Bento.

História II – Publicada em 1997, na revista número 42, página 77. Título da história: *Chico Bento em: Nós Vamos invadir sua Lagoa!*

Nessa história mais uma vez fica evidenciada a separação entre o homem do campo e o da cidade. A própria fala de Chico remete a isto, o “pessoal da cidade”, como se fossem seres de outro ‘planeta’, ou seja, muito diferentes dele. O campo é apresentado como um local ermo, tranquilo e de paz, já a cidade é a própria cena do caos. As pessoas chegam, ocupam um local por um curto período de tempo e depois vão embora, deixando seus resíduos e marcas espalhadas por todos os lugares. O “homem da cidade” é representado como alguém capaz de destruir tudo, sem a noção de limite em suas ações e, também, sem noção dos danos que pode vir a causar nos ambientes em que passa e vive (Figura 2).



Figura 2: As pessoas vindas da “cidade grande” são mostradas como não tendo noção de seus limites.

História III – Publicada em 1999, na revista número 274, página 22. Título da história:

Magali e Dudu: O que traz o Mar

A história é contada sem nenhum texto ou palavra, apenas com desenhos, mas fica evidente a mensagem da mesma, que busca mostrar que a sujeira que se encontra na praia, no caso uma garrafa, não deveria estar jogada na areia, e que quem a deixou ali era uma pessoa “porca”.

É uma história longa, com muitos quadros, e que não trata apenas da problemática do lixo descartado em locais inapropriados, mas que busca mostrar, e talvez conscientizar o leitor, de que só deve estar na areia da praia aquilo que o mar traz, e não os dejetos que as pessoas despreocupadamente descartam ali.

A história é longa, mas a mensagem final é bastante direta. Acredita-se, porém, que o autor poderia ter dado mais ênfase às conseqüências que aquele lixo jogado na praia poderá trazer, que não poluirá apenas o chão (Figura 3), mas também as águas, que pode causar doenças, proliferação de microorganismos e que poderá interferir na vida dos seres que vivem naquele ambiente, entre outras, fazendo assim com que a história fosse mais rica em sua proposta.



Figura 3: A finalização da história mostra-se bastante simplista.

História IV – Publicada em 2000, na revista número 339, página 19. Título da história:

Piteco em: Animal de Estimação

A história se passa em diversos quadros, porém com pouco texto. Acredita-se que a história remete à questão da separação homem-natureza. Isto fica claro no último quadro, onde varias espécies de animais estão reunidos “conversando” sobre os humanos, falando sobre como podem domesticá-lo. Fica explícito também o poder do ser humano em utilizar outros animais de

acordo com suas vontades. Enquanto Piteco queria caçar, o dinossauro tinha que fugir dele, porém quando mudou de idéia o animal muito feliz se submeteu à domesticação.

Piteco aparece na história em dois momentos diferentes, mas semelhantes. Primeiro ele quer o dinossauro para caçar e se alimentar e depois ele quer o animal junto a si, pois o mesmo pode lhe fazer carinho e companhia. Nos dois momentos há a sensação de posse do animal, seja para comê-lo ou para satisfazer seus desejos.

Dois pontos evidenciam-se nessa história - o antropocentrismo e a dicotomia homem/natureza. O animal se submete aos desejos do ser humano (Piteco), que o usa de diversas maneiras, primeiro querendo matá-lo e depois querendo seu “afeto”. O dinossauro mostra depois aos seus semelhantes, sendo esses vários animais menos o homem, quão fácil é conviver com aquele ser tão diferente (ser humano), se souberem como lidar com ele (separação homem-natureza) (Figura 4).



Figura 4: Fica evidenciada a separação entre o ser humano e os outros animais na natureza.

7. Discutindo os Conteúdos Analisados

Após o exercício de decomposição das histórias em quadrinhos nas suas principais partes, exercitando um olhar mais aprofundado, o primeiro ponto a ser destacado sobre os seus conteúdos impressos relaciona-se com a difundida visão que diferencia, separa e afasta as pessoas do campo e as pessoas da cidade (histórias I e II). Segundo Carvalho et al. (1996, p.111), em um de seus estudos baseado em materiais impressos:

O homem é retratado, em alguns materiais, como um ser abstrato, ganancioso, egoísta, destruidor. Daí a necessidade de reformá-lo, transformá-lo, mudar sua “natureza” egoísta e destruidora para uma “natureza” de cooperação e respeito para com o meio ambiente. Fica a impressão de que os autores trabalham mais com a concepção de “natureza humana” do que com a de “condição humana”. Ou seja, são tratados apenas aspectos intrínsecos do homem, sem discutir, entretanto, os aspectos social, econômico e político determinantes dessa “natureza humana”.

A cidade grande e as pessoas que nela vivem são mostradas através dos desenhos, das feições dos personagens e das onomatopéias (história II), como causadores de distúrbio, de poluição, de caos. Esse enfoque dicotômico entre campo e cidade está de acordo com que sugere De Paula (1998), quando diz que a imagem que a sociedade tem como presente para si mostra o cenário rural como algo à parte, separado da cidade.

Ainda levando em consideração a separação entre rural e urbano, é interessante a ênfase dada aos alimentos que são consumidos nesses dois locais (história I). Segundo Beil (1998), exclusivos os momentos em que comer se torna uma extrema necessidade física, o hábito alimentar está totalmente ligado à sociedade na qual a pessoa se encontra, sendo que a escolha dos alimentos pode estar até mesmo ligada ao desejo da sociedade à qual o indivíduo deseja pertencer.

Em relação às formas de superação dos problemas ambientais enfrentados, é notável a falta de sugestões para reverter as diversas situações apresentadas e que tratam de problemas ambientais (história III). Acredita-se que o discurso que apenas mostra os problemas e não sugere alternativas para solucioná-los é bastante vazio, pois não se educa com catastrofismos ou mostrando apenas os fatos tristes que estão ocorrendo na natureza. É preciso que caminhos

possíveis e viáveis sejam apontados, para que os seres humanos possam logo criar mecanismos de reversão dos prejuízos causados aos demais seres da natureza.

Sobre isso Orlandi (1996, p.40) afirma que “não se educa com ameaças e os perigos só são perigos quando se tem uma compreensão mais ampla do “fato” que o produz”, e que o discurso catastrofista não tem eficácia pedagógica. A presença nas HQs do discurso que apresenta os problemas, mas não sugere soluções corrobora o que postulam Viezzer et al.(1996, p.149):

Existem inúmeras soluções que precisam se tornar visíveis. As denúncias são importantes veículos das transformações. Mas caem no vazio se junto com elas não são propostas novas formas de lidar com a realidade. Por isso, a ênfase em equilibrar a denúncia com o anúncio de propostas, soluções e saídas para os problemas apresentados. [...] Esse discurso viciado acaba esvaziando o grande universo que se abre para quem está se iniciando na busca das relações mais harmoniosas com seu meio.

A visão utilitarista dos animais também se mostra presente (história IV), quando os personagens gostam muito dos animais com que convivem, pois ou eles lhe dão algo em troca ou são capazes de “brincar” e “interagir” trazendo alegria ao personagem.

Esse utilitarismo é nada mais do que o reflexo de uma sociedade antropocêntrica, derivada de uma concepção moderna de Ciência, de uma sociedade Pós-Industrial, capitalista e consumista, que atesta serem os humanos os ocupantes da posição central no planeta; tudo está e gira ao redor das necessidades sentidas e inventadas pelos mesmos. Assim se expressam, por exemplo, as representações que denotam humanizar animais e plantas. Esta ótica antropocêntrica mostra o ser humano como sendo algo à parte da natureza, podendo comandá-la e utilizá-la da maneira que achar melhor.

8. Considerações Finais

Com esse trabalho buscou-se entender um pouco mais sobre a importância que têm as histórias em quadrinhos, quando vistas como um veículo de comunicação de massa, capaz de transmitir conceitos ao leitor acerca das problemáticas ambientais, suas causas, conseqüências e possíveis soluções. Analisou-se o discurso que está presente nas histórias, qual a visão dos personagens em relação a sua posição enquanto seres da natureza e quais são os principais artefatos utilizados nesse espaço visando à conscientização do leitor.

Após tal análise, pode-se avaliar a importância que tem as HQs quando vistas como um recurso voltado para o trabalho de educação ambiental informal. Segundo Giesta (2002), através de tais artefatos podem ser veiculadas importantes informações no que diz respeito ao trabalho de conscientização das pessoas. Podem, além disso, servir como material a ser utilizado pelos docentes dentro das salas de aula, oportunizando assim a reflexão e análise sobre os temas propostos.

Realizado o processo de pesquisa e análise proposto para este trabalho, ficam explícitas algumas contradições nas histórias de Mauricio de Souza, visto que aquelas que foram tomadas como amostra, se propunham a tratar de alguma problemática ambiental que a sociedade enfrenta. Os conteúdos, porém, são um tanto superficiais, a visão dos personagens é antropocêntrica, não são sugeridas soluções para os problemas apresentados e o ser humano é mostrado como um ser separado dos demais na natureza.

O intuito deste trabalho não é, porém, afirmar que a leitura realizada é a correta, visto que cada leitura é uma nova descoberta, e cada um interpreta um texto a sua maneira. Contudo, o que se pode afirmar depois de ter “entrado em contato” com diversos materiais que discorrem sobre HQs, é que as mesmas têm sim um potencial de alcance muito grande, e que os materiais impressos que buscam trabalhar algumas problemáticas ambientais (no caso algumas histórias dentro de alguma revista de Mauricio de Souza) podem fazer aquilo que a princípio se propõem a fazer, discorrendo de maneira a propor soluções, sensibilizando, trazendo novos conceitos

sobre natureza para o leitor e fazendo com que o mesmo se veja como parte integrante do ambiente que o cerca.

9. Referências Bibliográficas:

- AMARAL, M. B. **Representações de natureza e a educação pela mídia**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação. Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BEIL, S.I. **O Padrão Alimentar Ocidental**: considerações sobre mudanças de hábitos no Brasil. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, São Paulo, v. 6. 1998.
- BERNA, V. Jornalismo Ambiental. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p.159 – 171.
- BRASIL. **Lei nº6.938**, de 31 de agosto de 1981: dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 2 de setembro de 1981.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Diário Oficial, 5 de outubro de 1988.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1996.
- _____. **Lei nº 9.796**, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.
- CARAVEO, L. M. N. Apresentação. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p.IX – XII
- CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica: sentidos e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CARVALHO, L.M. CAMPOS, M.J.O. CAVALARI, R.M.F., MARQUES, A. MATHIAS, A. e BONOTTO, D. Conceitos, Valores e Participação Política. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil**: Materiais Impressos. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.77 – 119.
- COELHO, N.N. A Educação Ambiental na Literatura Infantil como Formadora de Consciência de Mundo. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil**: Materiais Impressos. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.59 – 76.
- DE PAULA, S. G. O country no Brasil contemporâneo. In: **Brasil Ser(tão) Canudos**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Vol. V. pp 273-286, 1998a.
- GIESTA, N.C. **Histórias em Quadrinhos**: Recursos da Educação Ambiental. In: RUSCHEINSKY, A. (org.) Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p.157 – 168.
- GRÜN, M. **A Outridade da Natureza na Educação Ambiental**. 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2003. Disponível em: <http://siaiweb03.univali.br/geea22/arquivos/grun_mauro.pdf>. Acesso em: 05 de julho de 2007.
- JOHN, L. A Imprensa “Especializada”: Um Papel ainda Incerto na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs.) **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil**: Materiais Impressos. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.153 - 172.

- KRAEMER, M. E. P. & MARTINS, J.G. **Educação a Distância no Ensino Superior**: um olhar para a Sustentabilidade. 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/>. Acesso em: 05 de julho de 2007.
- LAYRARGUES, P.P. Prefácio. In: SATO, M. e SANTOS, J. E. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p.XIII – XVIII.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, v.9, p. 239-262. 1993.
- NATAL, C.B. Estereótipos e produção de sentido nos quadrinhos de Chico Bento - Uma análise de discurso nas HQs do personagem Chico Bento, identificando os elementos de funcionamento de seu universo ficcional. *Revista Comunicação em Agrobusiness e Meio Ambiente*, v.2, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.agricoma.com.br/rev2artigoCrisBenjamimNatal.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2007.
- ORLANDI, E.P. O Discurso da Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil**: Materiais Impressos. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.37 – 57.
- SATO, M. Educação para o Ambiente Amazônico. São Carlos: Tese de Doutorado, PPG-ERN/UFSCar, 1997, 235 p.
- TRISTÃO, M. **As Dimensões e os Desafios da Educação Ambiental na Sociedade do Conhecimento**. In: RUSCHEINSKY, A. (org.) *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p.169 – 182.
- VIEZZER, M. RODRIGUES, C.L. & MOREIRA, T. Relações de Gênero na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil**: Materiais Impressos. São Paulo, Editora GAIA, p.138 – 152, 1996.
- ZITZKE, V. A. Educação Ambiental e Ecodesenvolvimento. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. v. 9, 2002. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/mea/remea/vol9/a13art16.pdf> . Acesso em: 08 de outubro de 2007.